



FRUTAS DO BRASIL — Um rosário para o novo mundo

Ana Haterly

Le baroque ne renvoie pas à une essence, mais à une fonction opératoire, à un trait. Il ne cesse de faire des plis. Il n'invente pas la chose: il y a tous les plis venus d'Orient, les plis grecs, romains, romans, gothiques, classiques. Le trait du baroque, c'est le pli qui va à l'infini.

Gilles Deleuze, *Le Pli. Leibnitz et le baroque*¹

Esta frase, com que abre a céebre obra de Gilles Deleuze, é um apropriado introito ao nosso comentário a *Frutas do Brasil*, de Frei António do Rosário, uma vez que, como adiante se verá, essa coletânea de sermões é um bom exemplo da *função operatória* a que se refere Deleuze, oferecendo-se ao leitor como um contínuo desdobrar de pregas, um fazer e desfazer de dobras num tecido pontuado por uma imaginação que quer *mostar*, quer *dar a ver*.

Se para a mentalidade seiscentista, a que se destina a parenética barroca, o antigo princípio de *ante oculos ponere* parece ser essencial, para nós, hoje, pode suscitar perguntas, como por exemplo: que espécie de *visualização* está nesse princípio implícita? Ou então: o que é que, através dele, se *descortina*, palavra cheia de implicações de *revelação* e *presentificação*, inclusive teatral? O verbo *descortinar* – que, segundo o dicionário, quer dizer *correr a cortina para deixar ver*, ou em sentido figurado, *avistar*, *descobrir ao longe* – no contexto da época parece corresponder a uma necessidade de exprimir uma das suas realidades mais prementes: – a da necessidade de *ver*, que dá origem, ou é provocada pela necessidade de *dar a ver*. Mas a questão que então se perfila – agora, como já época – é: ver o quê e dar a ver o quê? Porque, se *ver*, na sua vertente física, pode equivaler a *correr a cortina das pálpebras* para aperceber o real, *dar a ver*, equivale a fazer correr uma

outra cortina, que não é das pálpebras físicas, mas a das pálpebras da mente: a cortina que separa o visível do invisível, o físico do metafísico, a cortina conceptual a que estão ligadas as palavras e as imagens.

A preocupação com a palavra é, em qualquer época, um aspecto dominante de todas as formas de comunicação verbal, mas o modo como essa preocupação se traduz nas artes da palavra do período barroco assume características epocais típicas, em particular na oratória sacra que, como bem o demonstraram António José Saraiva e Margarida Vieira Mendes a propósito dos sermões do Padre António Vieira,² é uma clara ilustração da predominância do *discurso engenhoso*, que vive de um acentuado uso dos recursos estilísticos preferidos na época. Assim, no sermão, ainda mais do que em qualquer outro gênero, está em evidência a funcionalidade operatória dos recursos escolhidos, uma vez que o objectivo a atingir é o de uma imediata persuasão, em que a imaginação – tanto do pregador como dos seus ouvintes – desempenha uma função essencial.

A dialética do oculto e do patente é uma das pregas em que se dobram e desdobram o sagrado e o profano, o real e o simbólico. Como já noutra local observámos, no período barroco intensificou-se o herdado costume de a tudo atribuir um significado oculto, que deu origem à proliferação de obras de carácter enigmático, hieroglífico, emblemático, “que tinham por objectivo veicular uma lição escondida na aparência, a qual, não podendo ser verdadeiramente representada, podia sê-lo aproximadamente através da alusão e da alegoria.”³ Mas se nas artes da palavra proliferam então a hipérbole e a antítese, a figura que realmente domina é a metáfora, a qual, no dizer de Francisco Leitão Ferreira, é “palavra peregrina que velozmente significa e demonstra um objecto por meio de outros.”⁴

Na arte em geral, e na parenética em particular, é portanto necessário *des-vendar, des-cobrir* para se atingir um nível de profundidade que as aparências ocultam, alcançando-se assim a ilusão de se perscrutar o invisível. Mas, como bem o compreendeu Deleuze, “le propos du Baroque est non pas de tomber dans l’illusion ni d’en sortir, c’est de réaliser quelque chose dans l’illusion même, ou de lui communiquer une présence spirituelle.”⁵

Que o real é apenas a aparência dum verdade oculta que é preciso decifrar, é um pensamento herdado do paganismo que o cristianismo adoptou e adaptou, recorrendo a alegorias e parábolas para descrever ou ilustrar a relação do visível com o invisível, que é o lado transcendente do real. A arte sacra, inclusive a arte do sermão, especializou-se na função mediadora entre esses dois extremos, recorrendo a imagens, símbolos, correspondências, etc., para cativar e instruir os crentes. A Contra-Reforma não fez mais do que seguir essa tradição, levando-a às últimas consequências.

A colectânea intitulada *Frutas do Brasil*, é um claro exemplo desse processo. O que acontece nos três sermões que a constituem é ilustrativo da tradição seiscentista peninsular, caracteristicamente pós-tridentina, invadida pelo culto do *discurso enghoso*. Decorrente do conceptismo imposto pela literatura culta, esse tipo de discurso está presente na parenética portuguesa de uma maneira magnífica no Padre António Vieira, de uma maneira emocionante em Frei António das Chagas e de uma maneira surpreendente em Frei António do Rosário.

Segundo informa Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana*, (I:377-378) Frei António do Rosário nasceu em Lisboa em 1647. Aos 24 anos de idade entrou para a Ordem dos Agostinhos Descalços e tendo assumido o nome de Frei António de Santa Maria, foi lente de filosofia, pregador e Visitador Geral da Ordem. Por volta de 1686 encontra-se no Brasil onde ingressa na Ordem Franciscana dos Frades Menores, sendo confirmado em 1689 no convento de Olinda com o nome de Frei António do Rosário. Depois de longos anos catequisando os índios, morreu em S. Salvador da Baía em 1704. Publicou diversas obras de carácter edificante. A colectânea intitulada *Frutas do Brasil numa Nova e Ascética Monarquia*, de que aqui nos ocupamos, foi impressa em Lisboa em 1702 por António Pedroso Galvão.⁶

Esta colectânea, consagrada à Soberana Rainha dos Anjos, a Senhora do Rosário, inclui três sermões contendo cada um deles uma parábola. O conjunto constitui o que o seu autor definiu como o modelo de uma *Nova e Ascética Monarquia* em que as frutas do Novo Mundo, que é o Brasil, são o mote poético onde o sagrado e o profano – ou se quisermos, o real e o simbólico – se interpenetram, ilustrando-se mutuamente de um modo exemplar.

Esta curiosa obra, hoje em dia pouco conhecida, foi já objecto de pelo menos dois importantes estudos, para os quais remetemos o leitor interessado. O primeiro, intitulado *Frutas do Brasil: Uma obra ignorada na história dum lugar-comum*, da autoria de Gerald Moser, foi publicado em Lisboa em 1957. Trata-se de uma detalhada análise da obra, dos seus fundamentos teóricos e da sua inserção na história cultural da época, nomeadamente no que diz respeito às frutas nativas.⁷

O segundo, intitulado *Tupis, Surucucus, Maracujás: Contribuições Brasileiras para o Barroco*, é da autoria de Maria Aparecida Ribeiro e foi publicado em Lisboa em 1991. Neste estudo, o texto de Frei António do Rosário insere-se num comentário à realidade etno-cultural brasileira da época, com destaque para os aspectos da sua fauna e da sua flora.⁸

Em ambos estes estudos é considerado o aspecto alegórico dos sermões na sua ligação com a ideologia então vigente, nomeadamente no que diz respeito à concepção do Brasil como Mundo Novo, “uma terra prometida aos Portugueses para dilatarem a fé.”⁹

Como já referimos, *Frutas do Brasil* é uma obra constituída por três sermões, a que correspondem três parábolas, cada uma destinada a desempenhar uma função ilustrativa específica. Consideremos agora o seguinte mapa da sua estrutura:

Depois da folha de rosto a obra abre com uma lista das 36 frutas que serão citadas e comentadas, a que se seguem a dedicatória à Soberana Rainha dos Anjos, uma advertência *Ao Leytor*, as habituais licenças e uma importante *Prefaçam* do autor, tudo em folhas não numeradas. O texto principal começa na página 1 com a PARABOLA PRIMEYRA, que contém três capítulos: o Capítulo I (pp.1-6) *Do Ananás Rey dos pomos*; o Capítulo II (pp.6-16), *Do Ananás*, contém a *Parábola Do mystico Rey de si mesmo*; o Capítulo III (pp.17-46), *Do Parabolico Ananás, Num Panegyrico do Santissimo Rosário*, tem por mote *Beatus venter, qui te portavit* (Luc. II). Segue-se a PARABOLA SEGUNDA que compreende o Capítulo I (pp.46-52), *Da Cana de assucar Rainha das frutas do Brasil*; o Capítulo II (pp.53-54) *Da mystica interpretação da Rainha das Frutas*; o Capítulo III (pp.54-57), *Do estado d'almas secundo no se*; o Capítulo IV, (pp.58-63) *Do estado da abstracção*; o Capítulo V (pp.64-72) *Da contração espiritual*; e (pp.73-106) *Venite & descendite, quia plenum est torcular* (Joel, cap. 3). Segue-se a PARABOLA TERCEYRA: Capítulo I (pp.106-122), *Do estado Ecclesiastico*; Capítulo II (pp.123-144) *Do estado da Nobreza*; Capítulo III (pp. 144-157), *Do estado do Povo*, que termina com uma conclusão (pp.157-179), que é tanto uma advertência como um acto de contrição tendo por mote *Ego flos campi*. Em apêndice é ainda oferecido um *Índice dos lugares da Sagrada Escritura* (pp.181-199) e um *Índice das cousas mais notáveis* (pp.200-208).

Resumindo: o primeiro sermão, tem três capítulos. A fruta eleita é o ananás, no primeiro capítulo chamado “rei dos pomos,” no segundo, “místico rei de si mesmo,” no terceiro, “parabólico ananás.” No primeiro é feita a comparação entre os atributos do ananás e os da realeza; no segundo faz-se uma meditação sobre as verdadeiras conquistas a que o homem deve aspirar, colocando os valores morais acima dos valores terrenos afim de obter a Graça. Inclui o extravagante trocadilho que permite defender que a palavra *ananás* deriva de *Anna nascitur*; no terceiro procede-se ao elogio do ananás cujas virtudes, postas em confronto com as da rosa, levam à demonstração da superioridade das frutas sobre as flores, portanto, do ananás sobre as rosas, podendo os habitantes dessa terra de promessa que é o Brasil recorrer aos ananases como “medianeiros do fruto da Graça & da Glória.”

O segundo sermão, dividido em cinco partes, trata da cana de açúcar. Considerada “a Rainha das frutas do Brasil,” serve de base para um longo discurso metafórico, em que o processo de extracção do açúcar de cana ilustra o percurso da salvação da alma, desde a queda até ao Dia do Juízo. No *Indice das Cousas Mais Notáveis* é-nos dito nomeadamente que “a Cana do

do Brasil he como a Rainha Sabá para o Reyno de Portugal;” que a “Cana de assucar he parabola da doce, & regalada vida do espírito” (p.201), enquanto que o “Engenho do Brasil he parabola do Juizo universal,” que “o Engenho do Juizo divino ha de moer com fogo aos que inoem com sangue” e ainda que “O Engenho do Juizo tem feytores, officiaes, caxeiro, moenda, casa de purgar, de caldeiras, fornalhas”(pp.202-203).¹⁰

O terceiro sermão dedica-se a alegorizar os três estados da Monarquia – clero, nobreza e povo – equiparando as suas características mais notáveis, tanto positivas como negativas, às das diversas frutas do Brasil, sendo utilizadas 34 das frutas referidas no início da obra (o ananás e a cana de açúcar estão excluídos por terem sido tratados nos anteriores capítulos). Aí vemos atribuída uma fruta a cada membro representativo da sua classe, com evidente intuito de crítica social, pois há uma série de frutas a imitar e outras a evitar, correspondendo respectivamente a virtudes a exaltar e a vícios a condenar.

Vemos assim que a obra, tratando embora em cada um dos três sermões uma temática diversificada, no seu conjunto aspira a uma unidade que assenta no seu propósito geral que é, essencialmente, *dar a ver*, ou seja, *ensinar mostrando*. Sendo um ciclo de louvor ao culto do Rosário, que no período barroco atingiu uma enorme importância em todas as camadas da sociedade portuguesa e brasileira,¹¹ destina-se a ilustrar como a nova realidade natural que o Novo Mundo oferece – nomeadamente através das suas frutas – pode constituir um “Novo Rosário,” um *Rosário do Novo Mundo*, tão legítimo como o do Velho Mundo e até mais proveitoso, por ser um *Rosário de Frutas*, e as frutas serem superiores às flores.

Nestes sermões há, portanto, aspectos essenciais a que temos vindo a referir: um, é o da importância da flora como veículo expressivo de uma moralização geral da natureza e seus reflexos nos três níveis da sociedade a que se dirige; outro é o da ligação que existe entre a sua imagística e a ideia de Paraíso Terreal, de Terra de Promissão.

Em primeiro lugar, o que Frei António do Rosário faz nestes seus sermões alegóricos é exemplar das possibilidades expressivas e persuasivas do *discurso engenhoso*, ilustrando aquilo a que Margarida Vieira Mendes chamou “as técnicas discursivas do lugar-comum e da citação que traziam consigo facilidade e felicidade: proporcionavam os jogos verbais, conservavam, para melhor saborear, os pensamentos mais engenhosos dos homens, e libertavam o orador-escritor de si próprio e da compulsão ao silêncio, ou ao retraimento, por o colocarem em contacto com o tesouro de uma memória verbal sempre inteligente e seleccionada e com a potência germinativa de um cabedal de textos prévios.”¹²

FRUTAS DO BRASIL

que se contém neste Livro.

1. Ananás, pag. 1.
2. Cana de açúcar, pag. 46.
3. Coroa, pag. 106.
4. Mamoões, pag. 109.
5. Umbús, pag. 110.
6. Jabuticabas, pag. *ibid.*
7. Cajús, pag. 111.
8. Mapurungas, pag. 115.
9. Cambois, pag. *ibid.*
10. Oiticoros, pag. 117.
11. Piquiás, pag. *ibid.*
12. Genípapos, pag. 119.
13. Capucaias, pag. *ibid.*
14. Gargaúba, pag. 121.
15. Fruta de Conde, pag. 125.
16. Coqueiros, pag. 126.
17. Arcticuapés, pag. 128.
18. Macujes, pag. 130.
19. Mangabas, pag. 132.
20. Jara-

20. Jaraúca, pag. *ibid.*
21. Mandacaru, pag. 136.
22. Cajás, pag. 137.
23. Pitangas, pag. 141.
24. Caratazes, pag. 143.
25. Bananas, pag. 146.
26. Gaiabas, pag. 147.
27. Aratazes, pag. 148.
28. Ubaías, pag. *ibid.* & 151.
29. Pitombas, pag. *ibid.*
30. Menduís, pag. 149.
31. Morecís, pag. 150.
32. Cardos, pag. 151.
33. Ciriuruba, pag. 152.
34. Joás, pag. 154.
35. Maracujá, pag. 155.
36. Perluxos, pag. *ibid.*

PRE

FRUTAS
DO
BRASIL
NUMA NOVA, E AS
cetica Monarchia,
CONSAGRADA
A' SANTISSIMA
SENHORA DO ROSARIO,



AUTHOR O SEU INDIGNO ESCRAVO

Fr. ANTONIO DO ROSARIO,
omenor dos Menores da Serafica Familia
de S. Antonio do Brasil, & Missionario
no dito Estado;

Mandando-a imprimir

O Commissario Geral da Cavallaria de Pernambuco

SIMAM RIBEY RORIBA



LISBOA,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1702.



Nestes seus sermões, Frei António do Rosário pode bem ser considerado um autor exemplar desse processo, onde se distinguirão também “as pregas” culturais a que alude Deleuze, pois no seu texto, apesar da originalidade do emprego das frutas do Brasil como suporte do seu discurso alegórico, para justificar as suas audaciosas analogias, o pregador recorre incessantemente a citações da Bíblia e a escritos de doutores da Igreja, que esmaltam e sustentam as suas afirmações, o que, aliás, é exigido pelo princípio do *conceito predicável*.

No que diz respeito aos portugueses da época, não deve ter sido difícil associar as maravilhas naturais do Brasil às maravilhas da Terra Prometida, de que fala a Bíblia, e daí partir para as didáticas analogias que poderiam ser empregues com evidente utilidade no processo de evangelização.

Demonstrando um arguto sentido da propriedade e da oportunidade, nestes seus sermões Frei António do Rosário recorre a um processo semelhante ao que a publicidade de hoje utiliza para vender produtos de consumo, adequando as imagens utilizadas às realidades dos destinatários. Assim, nestes seus sermões, em vez de recorrer a imagens que tradicionalmente diziam respeito a realidades europeias e do médio-oriente – nomeadamente no que diz respeito a flores e frutas referidas na Bíblia – alarga o seu elenco, afim de poder não só incluir os referentes conhecidos dos naturais do Brasil, mas também proceder à substituição dos exemplos tradicionalmente europeus por exemplos locais, que são, por esse processo, encarecidos.

Na sua *Prefaçam* a estes sermões, Frei António declara:

As terras, segundo as influências várias do Céu, assim como produzem homens de varias cores e linguas, produzem com a mesma diversidade infinitas castas de frutas: esta América de Portugal, como é um novo mundo, que depois de muitos séculos descobriram os portugueses, como é o novo Céu e nova terra, que viu e previu São João no seu Apocalipse (...) produz novas frutas nas formas, nas cores e sabores muito diversas das que nascem no mundo velho, e por isso misteriosas e dignas de se alegorizar nelas uma nova e ascética Monarquia.

A “ascética Monarquia” que Frei António nos propõe nestes seus sermões vai incidir particularmente na transposição do plano do conhecimento da natureza física para o plano da “ciência mística,” através dum processo de alegorização simbólica, então vigente, que permitia *des*-cobrir as analogias que existem entre o visível e o invisível, entre o mundo natural e o mundo moral. Conhecem-se ainda hoje as tábuas de equivalências onde são indicadas para flores, frutos, pedras, cores, etc., as suas correspondências simbólicas com valor moral, de que é exemplo o popular *Tratado* de Frei

Isidoro Barreira, descendente de toda uma linhagem de obras similares remontando à Idade Média.¹³

Nestes seus sermões Frei António do Rosário não nos apresenta uma lista das equivalências: faz simplesmente a transposição, e é assim que, logo no primeiro sermão, as rosas são substituídas pelos ananases. Porém, não obstante a violenta alegorização a que se submetem as frutas do Brasil, mais do que criar uma nova tabela de equivalências, Frei António quer, acima de tudo, fazer o elogio dessas frutas, e de tal modo o faz que o deslumbramento do seu louvor acaba por se sobrepor à lição, quase se tornando o louvor das frutas a verdadeira mensagem.

Sóror Maria do Céu, a religiosa portuguesa que pode ser considerada como a grande mestra da alegorização poética da natureza com intuítos morais, nessa mesma época, entre muitos outros, compôs o seguinte poema:

CÂNTICO AO SENHOR PELAS FRUTAS

*Ao Senhor louvemos,
Pel as frutas belas
Que criou regalo
Sendo Providência.*

*Ao Senhor louvemos
Nas frutas primeiras
Que são frutas novas
De esperanças velhas.*

*Ao Senhor louvemos
Na maçã, e entra,
A que nasceu a culpa
E acabou fineza.*

*Ao Senhor louvemos
Pel as romãs régias,
Que por dar-nos coroa
As criou com ela.*

*Ao Senhor louvemos
Do figo no nectar*

*E a melhor Mercúrio
Dedicado seja.*

*Ao Senhor louvemos
Na fruta das peras
Que dão esperanças
Porque são esperas.*

*Ao Senhor louvemos
Do melão nas letras
Que até pelas frutas
Reparte ciências.*

*Ao Senhor louvemos
Na avelã, que encerra,
Em pouco miolo
Muita providência.*

*Ao senhor louvemos
E a louvá-lo venha,
Pelo amo, amora,
Pelo amei, ameixa.*

*Ao Senhor louvemos,
Na ginja, e cereja
Para o gosto paz,
Para os olhos guerra.*

*Ao Senhor louvemos
Nas uvas, que emblemas
Mostram nos altares
E escondem nas cepas.*

*Ao Senhor louvemos
Na laranja isenta,*

*Que a criou esquiua
Porque a criou bela.*

*Ao Senhor louvemos
Na tâmara excelsa
Que por dar-se a Paulo
Se escondeu a Eva.*

*Ao Senhor louvemos
No limão que encerra
A vontade fina,
Em fruta grosseira.*

*Ao Senhor louvemos
Pelas frutas belas,
Que criou regalo
Sendo providência.¹⁴*

Outro aspecto particular assumido pelas analogias e transposições feitas por Frei António do Rosário nestes seus sermões diz respeito à ideia de Paraíso Terreal que o descobrimento das Américas faz transplantar para o Ocidente. Assumida pelos missionários com assinalável entusiasmo, essa ideia estava associada à convicção da próxima conversão ao cristianismo de todo o género humano, como bem observou Marcel Bataillon.¹⁵

O realismo naturalista desdobrado em função simbólica com que deparamos nestes sermões é particularmente visível no segundo e no terceiro, sendo o primeiro aquele em que a tradição cultural europeia, condensada na rosa, sofre a mais surpreendente transmutação ao ser substituída pelo ananás. O ananás, que segundo a tradição, foi descoberto no Brasil em 1555 por Jean de Léry, pela singularidade da sua aparência, pelo seu agradável perfume e pelo seu delicioso sabor, atraiu naturalmente a sensibilidade europeia dos séculos XVI e XVII, predisposta a receber favoravelmente todos os exotismos e a deliciar-se com todos os contributos favoráveis ao exercício da sensorialidade, inclusiva a gustativa. É a época do florescimento do açúcar, da descoberta do tabaco e do chocolate (ao lado da humilde batata), que revolucionariam a gastronomia e a convivência desses tempos. Além disso, em virtude das suas características exteriores, o ananás tornou-se um elemento decorativo privilegiado, de que ainda hoje se encontram vestígios.

Quanto ao culto do Rosário, que parece ter determinado a concepção destes sermões, é sobejamente conhecida a sua importância na cultura portuguesa, como já tivemos a oportunidade de salientar a propósito dos cinco autos de Sórora Maria do Céu, intitulados *Triunfo do Rosário*¹⁶, mas também não podemos esquecer os 30 sermões que o Padre António Vieira dedicou à Virgem do Rosário em cumprimento de um voto.¹⁷

Tudo isso concorre para sublinhar a inserção dos sermões de Frei António do Rosário na tradição peninsular do culto mariano, que assumiu particular ênfase depois da Restauração, e nesse sentido também será de notar que Frei António, quando se transferiu para o Brasil – terra de Santa Maria – ao mudar para a ordem franciscana, assumiu precisamente o nome de Frei António do Rosário.

Assim, na vida deste religioso tudo o que se destina à realização desta obra mística, que, na verdade, estes três sermões são. São obra mística, mas também são obra de catequese, obra para ensinar. Mas são ainda obra de oratória sacra e, como tal, obra para seduzir, mover e conquistar.

Como conquistam estes sermões? Como é que a sensibilidade melhor se atrai? Seduzindo, apelando para os sentidos. Mas como apelando para o sensível através do visível sempre se faz chamada ao invisível, do sensível humano facilmente se passa para o sensível divino e a passagem é automática já que todo o mundo é obra de Deus, já que sem Ele nada existe. O que aos humanos compete fazer é estabelecer na terra o reino dos Céus: fundar na terra uma “Nova e Ascética Monarquia,” que é a missão da Igreja. E isso é a que precisamente Frei António do Rosário se propõe.

Essas são as dobras em que a obra se desdobra. Essa é a função operatória.

Lisboa, Março de 2000

Notas

- ¹ Gilles Deleuze, *Le pli. Leibnitz et le baroque*, Paris, Éditions de Minuit, 1988.
- ² António José Saraiva, *O discurso engenhoso*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1980; Margarida Vieira Mendes, *A Oratória barroca de Vieira*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989.
- ³ Ana Haterly, "As misteriosas portas da ilusão," in *O Ladrão Cristalino*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 16.
- ⁴ Francisco Leitão Ferreira, *Nova Arte de Conceitos I*, Lisboa Occidental, Na Officina de António Pedrozo Galram, 1718, p. 247.
- ⁵ Ob. cit., p. 170.
- ⁶ O título completo da obra pode ser visto na fig. 1 aqui incluída, que reproduz a sua folha de rosto.
- ⁷ In *Revista da Faculdade de Letras*, 3ª. Série, 1, 1957, pp. 288-304.
- ⁸ In *Claro-Escuro*, 6 & 7, Lisboa, 1991, pp.99-116.
- ⁹ Gerald Moser, ob. cit., p.19
- ¹⁰ O Padre António Vieira, no seu sermão Décimo Quarto, pregado na Bahia em 1633, recorreu à actividade dos engenhos de cana de açúcar para comparar os trabalhos escravos com os padecimentos de Cristo. (vol. XI, p. 305)
- ¹¹ Consulte-se por exemplo, de José Ramos Tinhorão, *Os negros em Portugal*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988.
- ¹² Ob. cit., p. 73
- ¹³ Frei Isidoro Barreira, *Tractado das Significações das Plantas, Flores, e Frutas*, Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1622.
- ¹⁴ *Obras Várias e Admiráveis de M. R. Madre Maria do Ceo*, Lisboa Occidental, Na Officina Manoel Fernandes da Costa, 1735, pp.118-119.
- ¹⁵ *Novo Mundo e fim do mundo*, in *Revista de História de São Paulo*, N° 18, p. 343
- ¹⁶ Sórora Maria do Céu, *Triunfo do Rosário repartido em cinco autos*, Ed. de Ana Haterly, Lisboa, Quimera, 1992.
- ¹⁷ Padre António Vieira, *Sermões*, Porto, Lello & Irmão, Editores, 1959, vols. X, XI, XII, XIII.